

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

DÉBORA DE GOES

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO AO *BULLYING*

São Leopoldo

2018

DÉBORA DE GOES

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO AO *BULLYING*

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pelo Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Ms. Suzana Schuch Santos

São Leopoldo

2018

AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer as pessoas importantes nessa minha trajetória, quero agradecer a Deus por me dar a oportunidade de viver, sem ele não estaria aqui. Agradeço em especial a minha família. Aos meus pais por sempre me incentivarem e acreditarem nos meus sonhos. Obrigada mãe por cuidar das minhas coisas, da minha roupa, por fazer meus lanches. Obrigada pai, por sempre me levar até a Unisinos para as orientações ou até a cidade de Feliz para pegar o transporte de dia. Só a nossa família sabe a correria que foi nos dois semestres que me dediquei ao TCC. A minha irmã por sempre estar do meu lado me apoiando, aconselhando e incentivando. Se não fosse você, eu nem estaria cursando Educação Física. Ao meu cunhado, uso a seguinte frase “obrigada pelas duas idas a São Leopoldo naquele dia, sendo que tivemos que ir para Caxias, meu bolso agradece”. E não poderia deixar de agradecer pelo presente que recebi esse ano, em meio a essa confusão emocional que é fazer o TCC, minha afilhada Alícia. A dinda tem certeza que um dia toda a família estará te orientando e incentivando na tua vida universitária como meus pais, teus avós, sempre nos apoiaram, e ainda, apoiam tanto. Quando se tem uma família assim, tudo pode ser conquistado. Quero agradecer a minha orientadora Suzana Schuch Santos pela paciência e dedicação, pelas ricas aprendizagens e por me mostrar que o melhor professor é aquele que instiga seu aluno, o fazendo ir em busca das respostas, fazendo ele pensar, refletir, e entender, para assim, aprender “botando a cabeça para funcionar de verdade”. Obrigada pela grande Mestre que és! Não poderia deixar de agradecer a Equipe Diretiva da Escola Bernardo Petry, do município de Vale Real, onde trabalho como secretária e uma das escolas em que apliquei minha pesquisa. Sem a ajuda de vocês, me liberando quando necessário para orientações e desenvolvimento do trabalho, eu não teria conseguido. Quero agradecer a Diretora Rosana Zimmer Teuschel, seus vices Adriana, Fabrícia e Antônio, e as coordenadoras, Juçara, Luana e Andréia. Obrigada! Também, quero agradecer a Secretária da Educação do município de Vale Real, Joice Müller Arenhardt, por permitir a aplicação da pesquisa nas duas escolas municipais, E. M. E. F. Felipe Jacob Klein e. M. E. F. Tiradentes, e as diretoras pela receptividade. Por fim, quero agradecer as pessoas que me auxiliaram, me ajudaram ou estiveram envolvidas junto comigo nessa etapa da minha vida. Muito obrigada!

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO AO *BULLYING*

Débora de Goes*

Suzana Schuch Santos**

Resumo: O objetivo do estudo é investigar como os professores de Educação Física atuam na prevenção ao *Bullying* em suas aulas, a fim de colaborar no enfrentamento deste fenômeno na escola. É um estudo de natureza qualitativa do tipo descritiva e exploratória, realizada nas três escolas, uma estadual e duas municipais, do município de Vale Real, no interior do Rio Grande do Sul. Participaram do estudo, os professores licenciados em Educação Física de cada escola. Como instrumento para coleta de informações foi realizada uma entrevista semiestruturada e observações nas aulas de cada participante da pesquisa. Os professores acreditam na contribuição da Educação Física na prevenção ao *Bullying*, mas mostram ter pouco conhecimento da maneira ou forma que pode ser feito em suas aulas. O resultado aponta para a necessária elaboração de estratégias na formação continuada de professores na área da Educação Física.

Palavras-chave: *Bullying*. Educação Física. Prevenção.

1 INTRODUÇÃO

O convívio diário no ambiente escolar me fez perceber que fatos e acontecimentos relacionados à violência tem se tornado mais frequente. Decidi que o *Bullying* deveria ser estudado mais a fundo, para assim disponibilizar uma melhor compreensão do fenômeno aos profissionais da área. Por isso, escolhi esse tema para minha pesquisa.

Os casos de violência nas escolas tanto públicas quanto particulares têm crescido de maneira acelerada, resultantes de diferentes questões não aceitas pelas pessoas, como diferença na raça, gênero, classe social ou faixa etária. Um tipo de violência que ocorre nesse ambiente é denominado de *Bullying*, que se caracteriza

* Acadêmica de Educação Física - Licenciatura da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. E-mail: debora.goes9@gmail.com

** Professora Orientadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: sschuch@unisinos.br

como uma agressão contínua e seguida, com o intuito de causar danos físicos ou morais à vítima.

No Brasil, como na Noruega, foi encontrado um programa com ações que visam à intervenção e prevenção ao *Bullying* nas escolas. A Escola deve ser um ambiente para todos, independentemente das diferenças sociais, culturais ou físicas. Para que o programa de prevenção seja iniciado nas escolas, é importante que os professores estejam capacitados e informados sobre como acontece e se caracteriza o *Bullying*. Partindo disso, eles terão a capacidade de intervir, desenvolvendo programas e atividades de prevenção, evitando que o fenômeno venha a acontecer no futuro.

Nas aulas de Educação Física, o professor tem um leque maior para desenvolver atividades preventivas, pois o corpo e o movimento ficam em evidência, facilitando o desenvolvimento de atividades que mobilizem a pessoa inteira, buscando mostrar que todos possuem diferenças únicas e que devem ser respeitadas independentes de quais sejam, trabalhando valores como cooperação, tolerância, solidariedade, respeito e amizade.

Considerando o contexto educacional caracterizado pela presença do *Bullying* e o potencial preventivo da área da Educação Física, formulou-se o seguinte problema para o desenvolvimento da pesquisa: como os professores de Educação Física atuam na prevenção ao *Bullying* em suas aulas? O objetivo é investigar como os professores de Educação Física atuam a fim de colaborar na prevenção ao *Bullying* em suas aulas. A fim de orientar os rumos investigativos, foram elaboradas quatro questões norteadoras: O professor de Educação Física acredita na contribuição da disciplina de Educação Física na prevenção ao *Bullying*? Que metodologia é usada no desenvolvimento das aulas e se ela realmente favorece na prevenção ao *Bullying*? Os conteúdos abordados ajudam na prevenção ao *Bullying*? Qual é a formação e atualização recebida pelo professor de Educação Física no que se refere especificamente ao *Bullying* e a sua prevenção?

A realização deste estudo constitui em si uma ação no caminho da prevenção ao *Bullying*, na medida em que busca uma melhor compreensão sobre o fenômeno *Bullying*, e sobre a Educação Física na prevenção dessa prática. Os professores de Educação Física terão esse material para uso de maneira a intervir nessa prática, prevenindo a ocorrência do *Bullying* e outras formas de violência, tornando a escola um lugar para todos independente da diferença social, física ou cultural.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A atual realidade do ambiente escolar e social tem ocasionado casos frequentes de atitudes preconceituosas e excludentes entre jovens e crianças. Tornam-se cada vez mais necessárias medidas preventivas, que eduquem nossas crianças e jovens a aceitarem as diferenças físicas, culturais e sociais de cada indivíduo. De acordo com Mascarenhas (2006, apud FERREIRA et al., 2010, p. 58):

As escolas precisam enfrentar o *Bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. A escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e às diferenças. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la.

A Educação Física permite um maior contato físico entre os alunos, possibilitando uma formação integral e global do mesmo, de maneira que ele possa desenvolver os valores necessários para se tornarem pessoas tolerantes diante de qualquer diferença. Segundo Pereira (2014, p. 19):

A Educação Física é uma disciplina que possui um enorme campo de ensino e aprendizagem. Por ser uma disciplina em que o contato físico entre os alunos é muito grande, a mesma contribui na formação integral do aluno, através das diversas práticas que compõem a disciplina, como a prática do respeito, da amizade, da solidariedade, cooperação entre outras, ou seja, a Educação Física possibilita que os alunos tornem cidadãos críticos e participativos dentro da sociedade conscientes de seus deveres e direitos.

Portanto a educação física emerge como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações preventivas ao *Bullying* nas escolas.

2.1 *Bullying*: uma violência silenciosa dentro do ambiente escolar

O *Bullying* corresponde a atitudes violentas, tanto verbais, morais ou físicas, praticadas de maneira frequente e repetitiva, onde o agressor “tortura” a vítima lhe humilhando diante dos outros. Mesmo o agressor sabendo que suas atitudes ferem a vítima psicologicamente ou fisicamente, ele continua a praticá-las.

Para Fante (2005, p. 28-29 apud ROLIM, 2010, p. 25-26):

Por definição universal, “bullying” é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida dos outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento “bullying”.

São várias as situações que podem ser consideradas *Bullying*: apelidar, intimidar, caçoar, debochar, empurrar, ridicularizar, humilhar, discriminar, constranger, ignorar, agredir, ofender, ferir, ameaçar ou dominar.

Segundo Raduenz (2011, p. 35):

Esse tipo de comportamento agressivo se apresenta de diversas formas e, dependendo da exposição a diversos fatores, umas com características mais cruéis que as outras. Quando um aluno ou grupo de alunos decidem, por motivos muitas vezes não identificados, agredir outro colega submetendo-o a ação prolongada de agressão, física ou verbal causando danos permanentes para a formação pessoal da vítima é o que se caracteriza por bullying.

De acordo com Silva (2010, p. 21):

A palavra *Bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.

Dentro da prática do *Bullying*, de acordo com a maneira como as crianças ou jovens se envolvem com tal prática, existe uma classificação: vítimas, agressores e expectadores.

De acordo com Botelho e Souza (2007, p. 62), as vítimas são:

São alunos (as) que somente sofrem Bullying. Normalmente, não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos. São, geralmente, pouco sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem a grupos de alunos. Apresentam aspecto físico diferenciado dos padrões impostos por seus colegas (magro e/ou gordo) e têm pouco rendimento nos esportes e em lutas devido à coordenação motora pouco desenvolvida.

Ainda, segundo Botelho e Souza (2007, p. 63), os agressores “[...] são os (as) alunos (as) que só praticam o *Bullying*. Os autores são indivíduos que têm pouca empatia. Além disso, são mais fortes do que seus colegas de classe [...]”.

Já os espectadores, são aqueles alunos que nem praticam e nem sofrem o *Bullying*, mas convivem no ambiente onde tal prática acontece. Muitas vezes, esses alunos se calam diante dessa violência pelo medo de serem as próximas vítimas.

Cada indivíduo, nesse processo que é o *Bullying*, acaba se enquadrando em algum desses personagens. E nem sempre as características são as mesmas, podendo variar conforme o tipo de vida que a criança ou jovem leva, suas condições familiares e sociais.

Os trabalhos de Dan Olweus são os pioneiros na área. No ano de 1983, na Noruega, três adolescentes cometeram suicídio em circunstâncias que levavam à vitimização do *Bullying*. Então, o Ministério da Educação Norueguês, solicitou uma ampla pesquisa sobre o tema e um programa de *antibullying* a Olweus. Tal programa foi desenvolvido por ele na Universidade de Bergen, e ficou conhecido com Programa Olweus de Prevenção ao *Bullying*. Dan Olweus pesquisou cerca de 84 mil estudantes, 300 a 400 professores e em torno de mil pais, incluindo todas as séries do que seria atualmente no Brasil, 1º ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio. O estudo constatou que a cada sete alunos, um estava envolvido em caso de *Bullying*, tanto como vítima como agressor.

Para Silva (2010, p. 111):

O *Bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos.

No Brasil, os estudos relacionados ao fenômeno *Bullying* tem crescido muito nos últimos tempos. Os primeiros estudos foram realizados por Dorneles, Grigoletti e Canfield (1997), Figueira e Ferreira Neto (2001) e Cleo Fante (2005).

Segundo Antunes (2008, p. 22–23):

Dorneles, Grigoletti e Canfield (1997) procuraram observar os comportamentos agressivos apresentados por crianças em quatro escolas de ensino público em uma cidade do estado do Rio Grande do Sul. As pesquisas realizadas por Figueira e Ferreira Neto (2001) visaram ao diagnóstico do *bullying* em duas escolas municipais do Rio de Janeiro. Fante (2005) realizou quatro estudos em escolas públicas e particulares em cidades do interior do estado de São Paulo que buscaram o diagnóstico do *bullying* com base em pesquisas que utilizavam questionários e produziram dados quantitativos sobre incidência, número de vítimas e agressores. A

mesma autora possui o programa “Educar para a Paz”, que visa ao combate e à redução de comportamentos agressivos entre os estudantes.

O programa “Educar para a Paz” foi desenvolvido por Cleo Fante, uma das pioneiras no estudo do *Bullying* no Brasil. Entre 2002 e 2004, o programa foi aplicado na Escola Municipal Luiz Jacob, em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Verificou-se a redução em 10% nos incidentes de casos de *Bullying* no primeiro semestre. Após quatro semestres da aplicação do programa, o número de incidência reduziu para 4%, que antes era 66%. Esse programa busca uma maneira de intervir e prevenir ao *Bullying* no ambiente escolar para assim, tentar diminuir qualquer tipo de violência nas escolas. Consiste em estratégias psicopedagógicas que tem como princípios questões de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças. Tal programa envolve toda a comunidade escolar, e o trabalho se desenvolve tanto com as vítimas como com os agressores. Após o sucesso da aplicação do programa nessa escola, tais ações foram desenvolvidas em outra escola de São Paulo, a Escola Municipal Lúcia Novaes, em Cabral, e também, em oito escolas públicas do Estado do Maranhão.

Os estudos sobre esse fenômeno tem se intensificado tanto no Brasil, como em outros países. A busca pela prevenção e o combate, tornou-se presente em todos os meios sociais, faixas etárias e gêneros. Esse fenômeno ocorre em todos os ambientes sociais, desde a escola até o local de trabalho.

2.2 As diferentes abordagens na Educação Física: a cultura corporal inserida numa sociedade

Por muito tempo, na área da Educação Física, imperou os conhecimentos vindos da área das ciências biológicas, olhando para o ser humano somente como um ser natural e biológico. Com o passar dos anos, várias abordagens surgiram, com características distintas, onde cada estudioso buscou defender os conceitos que mais achavam relevantes na área da Educação Física Escolar. Na medida em que a sociedade passou por transformações, novas características e costumes dos indivíduos formavam a sociedade de cada época, criando desafios diferentes no ambiente escolar.

A abordagem Desenvolvimentista de Go Tani (1988), defende a ideia que a Educação Física se dá pelo movimento, já a abordagem Construtivista-Interacionista

de João Batista Freire (1989), vê a educação através do corpo e da mente, como algo indissociável. A abordagem Sistêmica de Mauro Betti considera tanto as dimensões físicas, como psicológicas e sociais. O ser humano é visto como um ser indissociável, envolvendo todas essas dimensões na sua formação. (DAOLIO, 2004).

O estudo de tais abordagens vem permitindo uma evolução nas definições do corpo, do movimento e do esporte, como Daolio (2004, p. 1) ressalta:

Depois do predomínio das ciências biológicas nas explicações do corpo, da atividade física e do esporte por parte da educação física, essa tarefa hoje parece estar dividida com os conhecimentos provindos de outras áreas, tais como a antropologia social, a sociologia, a história, a ciência política e outras.

Assim, podemos verificar que o ser é um indivíduo completo e integral, e a Educação Física deve trabalhá-lo como um todo, conforme suas capacidades individuais, de maneira que o mesmo está inserido num ambiente social e suas ações interferem em relações pessoais.

De acordo com Neuenfeldt (2008 apud RIVAS, 2011, p. 10):

O professor de Educação Física tem o dever de ensinar esportes a todos, e saber que esse ensinar não é exigir o mesmo desempenho em todos os alunos, mas sim fazer com que todos entendam o que está sendo explicado, para se sentirem pronto para praticá-lo.

A abordagem Plural de Daolio sustenta a ideia de uma Educação Física para todos, onde o professor deve adaptar a aula para que todos participem ativamente independente de suas diferenças.

Daolio (1996) explica o que seria uma Educação Física Plural:

Cuja condição mínima e primeira é que as aulas atinjam todos os alunos, sem discriminação dos menos hábeis, ou das meninas, ou dos gordinhos, dos baixinhos, dos mais lentos. Esta Educação Física Plural parte do pressuposto que os alunos são diferentes, recusando o binômio igualdade/desigualdade para compará-los. Sendo eles diferentes e tendo a aula para alcançar todos os alunos, alguns padrões de aula terão que, necessariamente, ser avaliados. Parece é o que vem acontecendo com as aulas mistas. Os professores, não sem dificuldades, tem lidado com as diferenças entre meninos e meninas.

Partindo dessa abordagem, busca-se uma Educação Física para todos, onde independentemente de qual for sua diferença, seja física, de gênero, de habilidades, social ou cultural, todos serão inclusos nas aulas.

A abordagem Plural de Daolio pode ser complementada com a fala de Rivas (2011, p. 8-9):

O esporte acaba sendo uma valiosa ferramenta de aprendizagem, quando é explorado dentro de uma perspectiva social, pois acaba assumindo o papel de agente de transformação a partir do momento que começa a criar alterações comportamentais no aluno, tanto dentro como fora das quadras. Contudo, um simples gesto como o de instruir o aluno em certos valores, pode ser o toque necessário para chegarmos mais próximos de uma realidade mais humana.

Quando falamos do desenvolvimento social do aluno, o esporte permite desenvolver convivências baseadas em regras e combinações, que podem ser feitas em grande grupo, ou impostas pelo professor. Nos jogos esportivos e coletivos se torna mais presente o ganhar e perder, ensinar o aluno a lidar com tais frustrações.

Para Hassenpflug (2004, p. 108) uma das competências fundamentais a serem desenvolvidas nos educandos para ter uma boa convivência, é a vitória e a derrota:

Aprender a elaborar vitórias e derrotas de forma construtiva, tolerando frustrações e crescendo na adversidade. Esta aprendizagem tem maiores chances de ocorrer quando a vivência dessas situações é acompanhada por um processo de discussão e de reflexão, em que sejam claramente explicitados os valores e sentimentos presentes em cada uma delas.

Portanto, é importante observar que a Educação Física possui um leque enorme para desenvolver o aluno de maneira integral, visando todas as dimensões, desde social, cultural e física. Cabe ao professor escolher a melhor maneira de desenvolver suas aulas, buscando atingir todos de maneira igualitária.

2.3 Educação Física e corpo: uma ligação do ser humano com o mundo

As relações interpessoais, em um determinado espaço e tempo, constituem a chamada sociedade. Por estarmos inseridos em um ambiente em constante mudança, nosso corpo, como meio de ligação do ser humano com o mundo, segue as regras e valores definidos pelas pessoas que compõe a chamada sociedade.

Segundo Daolio (1995, p. 39), “no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ele ser o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.”

Por meio desse processo, o corpo absorve o conteúdo cultural dessa sociedade, onde o homem aprende por meio do seu corpo. É importante respeitar e entender quais os princípios, valores e normas que representam as diferentes culturas onde esse corpo se insere.

Para Daolio (1995, p. 81), “nesse plano, entendem o corpo como aprendiz de comportamentos sociais, de atitudes necessárias para uma vida melhor; entendem o corpo como base do aprendizado e prática de regras sociais por parte do aluno, futuro cidadão.”

Sendo o corpo, o meio usado para passar o saber aos alunos, é por meio dele que formamos os cidadãos que irão compor a nossa sociedade. A Educação Física, educa através do corpo, por isso tem um papel fundamental na educação, pela aproximação maior do aluno e a possibilidade de desenvolver uma educação global do mesmo. É importante o aluno desenvolver a autoestima e imagem corporal, para descobrir sua identidade pessoal. Para isso, é necessário oportunidades educativas que coloquem o aluno em contato com sua individualidade, e assim, desenvolva o seu ser no mundo.

Segundo Hassenpflug (2004, p. 138) o conceito de autoestima corresponde:

É a capacidade de gostar de si mesmo, de aceitar-se e de valorizar-se que acompanha o processo de autoconhecimento. A autoestima é o ponto de partida para aceitar e gostar dos outros e para continuar crescendo em todos os aspectos. Por isso, é proporcional à capacidade de compreensão e de aceitação de si e do outro. Sem autoestima fica impossível um relação inteira consigo mesmo e com o outro.

Além da autoestima, é fundamental a imagem corporal que o aluno tem de si. Para os alunos ter uma imagem corporal própria, é importante ele se conhecer, ter uma identidade própria, gostar de si e saber quais as suas capacidades. Ter uma imagem corporal positiva favorece a convivência do aluno com o mundo que o rodeia.

O processo de desenvolvimento do corpo decorre da cultura em qual o aluno está inserido, ou seja, as regras, valores, costumes e elementos que formam a sociedade em que ele transita interferem e participam da construção do seu corpo.

A escola, enquanto espaço social, e as aulas de Educação Física fazem parte do contexto sócio cultural do indivíduo, numa etapa crítica e sensível de seu desenvolvimento enquanto ser no mundo. E por isso mesmo foco de atenção no que se refere também à construção de formas de interações sociais.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta investigação se caracteriza por ser um estudo de natureza qualitativa (NETO; TRIVIÑOS, 2004) e (MINAYO, 1994) do tipo descritiva e exploratória (CERVO; BERVIAN, 2006), realizada nas escolas do município de Vale Real, no interior do Rio Grande do Sul. A cidade de Vale Real possui três escolas, uma estadual e duas municipais. Participaram do estudo, os professores licenciados em Educação Física de cada escola, que atuam desde a educação infantil até o ensino médio, nos períodos diurno e noturno, totalizando três professores.

Como instrumento para coleta de informações foi realizada uma entrevista semiestruturada, permitindo explorar questões que não foram pré-definidas, dando liberdade ao entrevistado de dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que ele ache importante e relevante para o estudo. E também, foram realizadas observações nas aulas de cada participante da pesquisa.

O objetivo do estudo foi explicado para a Secretária da Educação do município, para liberação da realização da pesquisa nas escolas municipais, e para a Direção da Escola, para liberação da realização da pesquisa na escola estadual. O critério de inclusão para participação da pesquisa foi o professor (a) estar lecionando (a) normalmente na escola e ser licenciado (a) na área de Educação Física. E como critério de exclusão para não participar da pesquisa, o professor (a) não estar lecionando (a) normalmente na escola no período da investigação, ou não comparecer no horário marcado para a entrevista, ou ainda, não ter comprovação de ser licenciado (a) na área de Educação Física.

Para a análise das informações, as entrevistas foram gravadas e transcritas, para que a partir das falas dos professores, juntamente com as observações realizadas na prática, as respostas ao problema da pesquisa sejam encontradas, analisadas, interpretadas e organizadas baseadas no conhecimento teórico adquirido durante o processo investigatório.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As informações foram organizadas em quatro categorias de análise inicialmente pré-estabelecidas, considerando a possibilidade do emergir de nova categoria, no decorrer da análise:

- Contribuição da Educação Física na prevenção ao *Bullying*;
- Metodologia usada que favoreça na prevenção ao *Bullying*;
- Conteúdos da Educação Física que ajudam a abordar a prevenção ao *Bullying*;
- Formação recebida pelo professor referente à prevenção ao *Bullying*.

Em relação à contribuição da Educação Física na prevenção ao *Bullying*, constatou-se um distanciamento entre as falas das entrevistas e a prática observada. Os três professores acreditam sim no papel da Educação Física como disciplina que ajuda na prevenção ao *Bullying*. Porém, percebe-se que há pouco entendimento da maneira como isso acontece ou pode vir a acontecer, além da falta de conhecimento sobre o que vem a ser o *Bullying* (FANTE, 2005).

“Boa pergunta. Prevenção do *Bullying*. Eu acho que ela pode contribuir nesse sentido de conseguir incluir um aluno que pode ser discriminado [...] incluir ele no meio esportivo, eu acho que nesse sentido assim, de tu poder levantar a autoestima dele fazer com que ele se sinta melhor né, acho que o *Bullying* é uma coisa [...] abrangente assim né, são várias vias assim que tu pode dizer que [...] o aluno pode ser vítima de *Bullying* por vários motivos.” (P1).

O P1 relata da importância de levantar a autoestima do aluno, fazer com que ele se sinta bem como uma forma de prevenir o *Bullying*. Autoestima é a capacidade de gostar de si mesmo, de aceitar-se e valorizar-se, para daí a gente gostar dos outros, e assim, conseguir manter uma relação de convívio social (HASSENPFUG, 2004).

“Com certeza através dos nossos atos né e atitudes as ações que a gente tem durante a prática [...] Eu acho que tem bastante. Sim a gente ver que tem uma conotação diferente né.” (P2).

“Eu acho que pode ser naquela alçada que eu te comentei né, tu conseguir integrar [...] a questão da socialização, tirar um pouco essa questão do gênero né, tu trabalhar igualmente meninas, meninos [...]

sempre trabalhar essa questão cooperativa e a competitiva, porque o que acontece, a cooperativa a gente consegue inserir aquelas questões de respeito, construção de regras em grandes grupos, mas também não perder a questão da competitividade, porque daí entra aquela questão que mencionei antes que a criança não sabe perder né, só sabe ganhar, e isso lá na frente vai fazer muita diferença pro lado pessoal dele, essa questão vai ser complicado.” (P3).

O P3, traz a importância da questão cooperativa e competitiva, para ensinar aos alunos através da cooperação questões de respeito, construção de regras, e através da competitividade, o saber ganhar e o saber perder. A Educação Física, possui um amplo espaço de ensino e aprendizagem, por ser uma disciplina de contato físico, facilitando a formação integral do aluno, tornando os alunos cidadãos críticos e participativos, sabendo seus deveres e direitos. Assim, as práticas dentro da disciplina, permitem vivências que trazem valores como o respeito, amizade, solidariedade e cooperação (PEREIRA, 2014, p. 19). Em relação à vitória e a derrota, elas devem ser trabalhadas de maneira construtiva, fazendo com que os alunos aprendam a tolerar e a crescer na adversidade, por meio de discussões e reflexões (HASSENPFUG, 2004).

Ao trazerem essas questões, os P1 e P3, mostram ter um pouco de entendimento da forma como pode-se trabalhar na prevenção do *Bullying*, porém, ainda falta um maior conhecimento no assunto. Já o P2, mostrou ter pouca compreensão de como trabalhar nessa prática preventiva.

Os professores mostraram dificuldade em expressar claramente o que é o *Bullying*, o que sugere que eles tenham pouco conhecimento do que vem a ser o *Bullying*, quais suas características e de que maneira acontece.

“Eu explicaria *Bullying* como uma discriminação, como uma discriminação, como um deboche, eu diria que *Bullying* é uma discriminação em relação a qualquer situação, a vários tipos de situação que possam existir, é uma exclusão, é um deboche que a pessoa recebe por ser, por qualquer situação, daqui a pouco pode ser deboche pode sofrer *Bullying* pelo lugar que, qualquer coisa, por ele ser gordinho, por ser magrinho, pelo lugar que ele mora, pelos pais serem de uma maneira ou de outra, enfim, por várias coisas. Eu entendo que a Educação Física pode auxiliar nesse sentido.” (P1).

“Eu dizer quando tu fica chamando o outro de gordo, fica debochando do tênis dele que o teu é melhor né, por aí eu ia começar. Tem o *Bullying*

Cibernético, que é da do dia-a-dia deles das redes sociais né, ali também ocorre *Bullying* né, assim que vou conversar com eles.” (P2).

“Cara eu acho que *Bullying*, acho que eu isso aí está super em alta na sociedade, acho que *Bullying* é uma palavra que, uma palavra que ela é americanizada né, então muitas vezes falam é *Bullying*, mas eles não sabem o significado da palavra né. A gente pode traduzir um pouco mais para eles que é uma questão tipo assim, apelidos né, [...] explicar para eles de uma maneira bem sucinta, bem, que ele consiga entender, né, questão de apelidos, desrespeito.” (P3).

Os três participantes trouxeram que o *Bullying* corresponde a apelidos, deboches, discriminação. A prática do *Bullying*, no entanto, vai muito além das questões trazidas pelos professores. Corresponde a um conjunto de atitudes ou ações agressivas, intencionais e que acontecem de maneira repetitiva sem uma motivação clara, mas que causa sofrimento, angústia e muita dor na vítima. São várias as formas que o *Bullying* pode se manifestar: por meio de insultos, intimidações, apelidos, gozações, acusações injustas, grupos atacando, ofendendo e atormentando a vida dos outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005).

Ao detalhar mais pontualmente sobre os aspectos que realmente interferem na prevenção ao *Bullying*, os professores conseguiram trazer informações importantes com relação à metodologia usada, conteúdos, envolvendo valores, autoestima, imagem corporal, a vitória e a derrota, habilidades motoras e físicas e questões de gênero.

Quando trago a questão da metodologia usada por cada professor em suas aulas, cada um responde de maneira distinta. Mas comparando as falas dos entrevistados com as observações feitas na prática, verifica-se que nenhum dos entrevistados se posicionou quanto a alguma abordagem em especial, mas trouxeram características que se encaixavam em certas abordagens.

“Assim, eu procuro interagir muito com os alunos né, então eu sou de falar bastante, eu falo, eu demonstro muito e a minha metodologia de trabalho é 100% prática eu não realizo prova teórica com os alunos, a minha aula prática, 100% prática, eu acho que é importante eles estarem fazendo atividade física afinal de contas é aula de Educação Física.” (P1).

O P1, desenvolve aulas práticas e acredita que o importante é fazer atividade física, tais características, se encaixam na abordagem Desenvolvimentista.

“[...] eu tento fazer assim uma sempre uma contrapartida, ah hoje dá isso, mas semana que vem dou aquilo, porque se eu deixar, se eu botar, porque eu era daquelas assim, pulso firme, hoje é isso e deu, eu não tinha aquele diálogo com eles no início sempre [...] eles vão se adaptando ao que tu quer, mas de uma forma mais assim não chegar impondo para eles.” (P2).

O P2, apesar de ter um maior diálogo e troca de combinações com os alunos, também demonstra ter características mais próximas da abordagem Desenvolvimentista.

“Eu acho assim, eu pego as turmas desde do, da educação infantil, que é o Jardim A até o quinto ano né. Eu acho que tu tem que saber lidar de diferentes formas, tu pega os pequenos que estão vindo da creche, que são às vezes bem, eles vem de uma vivência bem diferente para daqui da escola. [...] E daí tu já pega também ali do quarto para o quinto eles estão entrando na fase da adolescência né, então começando a querer já outras coisas né [...] tu tem que saber lidar com ambos os públicos se tu quer trabalhar nesse âmbito do fundamental até séries finais tem que ter esse jogo de cintura, então acho que é mais ou menos nessa linha.” (P3).

Já o P3, apesar de não ter clareza nas suas falas, nas observações, mostrou-se também ter características da abordagem Desenvolvimentista.

A abordagem Plural de Daolio (1996) sustenta a ideia de uma Educação Física para todos, sem discriminação dos menos hábeis, ou das meninas, ou gordinhos, ou baixinhos. Para essa abordagem, os alunos são diferentes e o professor deverá adaptar a aula para que todos sejam atingidos, participem ativamente e desfrutem com prazer da prática da atividade física, seja através dos esportes ou de qualquer prática envolvendo o movimento e o corpo. Analisando as abordagens da Educação Física e confrontando com os estudos do *Bullying*, acredita-se que essa abordagem seria a mais efetiva na prevenção ao *Bullying*.

Em relação aos conteúdos constatou-se um distanciamento entre as falas das entrevistas e a prática observada. Os professores que participaram do estudo relatam que, em algumas situações nas suas aulas, tentam ou até mesmo conseguem trabalhar conteúdos de maneira que ajudam na prevenção ao *Bullying*, como: valores, imagem corporal, autoestima, diferenças de gênero, diferenças nas habilidades motoras e físicas, trabalhando com os alunos questões que lhe mostrem a importância do respeito às diferenças físicas, sociais ou culturais. Fazendo da escola um lugar para todos. Mas nas observações, verificou-se que em certos

momentos, os professores agem, interferem ou instruem seus alunos, de maneira a não contribuir nessa prática de prevenção, deixando de intervir verbalmente, orientando os alunos, e mostrando que eles estão agindo de maneira correta independentemente da situação, o porquê disso e qual a maneira correta de agir.

Alguns deles mostram pouca compreensão de como trabalhar a questão de valores como cooperação, solidariedade, respeito, amizade, já outros, mostram consciência da importância da Educação Física nessa abordagem, afirmando que, os alunos aprendam a seguir regras e a ter disciplina, levando-os, a saber, seus deveres e direitos na sociedade em que fazem parte como cidadãos (PEREIRA, 2014).

“[...] de valorizar o trabalho em grupo, de respeitar o adversário, de saber perder, de saber ganhar né, então isso é uma coisa que eu cobro muito deles, eu acho que é fundamental que a aula de Educação Física seja, também, trace essa linha de valorizar muito a questão disciplinar dos alunos.” (P1).

“[...] a gente já faz alguma coisa mais cooperativa essa questão de respeito né, de não ter só aquela questão do ganhar, perder, então eles tem que saber as regras, saber que eles vão ter que fazer uma determinada tarefa, mas relativamente ele vai precisar daquele colega.” (P3).

O P1 e P3, nas suas falas, trazem alguns valores que consideram importantes e que devem ser abordados nas aulas de Educação Física, como o respeito, saber ganhar e perder, a cooperação, coleguismo, valores que permitem ao aluno saber tolerar as diferenças, sejam elas quais forem, permitindo um bom convívio social.

“[...] então valores desse jeito tu tem que aprender a saber ganhar e saber perder né, hoje tu ganha mas amanhã tu perde e daí? Tu vai ter que saber né, valores assim eu trabalho, dentro da Educação Física.” (P2).

Já o P2, teve dificuldades em expressar claramente como aborda os valores em suas aulas.

Nas observações práticas, houve falta concordância, em alguns momentos, em relação às atitudes dos professores, mostrando pouca intervenção diante de situações constrangedoras, agressivas ou excludentes entre alunos, deixando de aplicar ou cobrar os valores falados nas entrevistas.

Na questão da autoestima e imagem corporal, pude observar que alguns não se sentiram confortáveis ao responder essa questão. Mostraram ter consciência do papel da Educação Física quanto a esses dois temas, porém não pareceram estar convictos de como fazer isso. Nas observações não consegui verificar situações que viessem a confrontar as falas dos professores.

“[...] a questão de autoestima [...] eu procuro não deixar com que eles dividam as equipes, eu sempre procuro dividir as equipes, raramente em algum momento eles vão dividir os times [...] Porque a gente, eu tento sempre fazer as equipes equilibradas, fazer com que os alunos participem, colocar regras muitas vezes no jogo [...] Pra que todo mundo faça trabalho nesse sentido, para que todo mundo consiga participar da aula e ninguém seja excluído. [...] imagem corporal deles. Pois é, essa questão ela tem haver com a autoestima também né, [...] tem alunos que têm vergonha de fazer alguns movimentos por causa disso, então algumas adaptações a gente acaba fazendo né, tu reduz um pouquinho tu reduz a carga do exercício, volume, intensidade, pra alguns tu procura chegar de canto e dizer ó faz mais devagar, cada um faz no seu ritmo, mas é uma coisa bem complicada de trabalhar no grande grupo [...] eu procuro fazer é igualar todo mundo para que todo mundo se sinta bem dentro da aula.” (P1).

“[...] eu sempre digo para eles, vocês tem que sentir bem com vocês, claro que a alimentação, eu falo da alimentação né [...] O menino diz ah sou muito baixinho, não, tu faz qualquer coisa que um alto também faz. Eu vou trabalhando assim, não sei se é a maneira certa.” (P2).

Ao voltar para o conceito de autoestima e imagem corporal (HASSENPFUG, 2004), nas falas do P1 e P2, destaca-se a importância do aluno se sentir bem dentro da aula e consigo mesmo. Assim, conseguirá manter uma boa relação com os demais a sua volta.

“Isso é uma questão que ainda é, pode-se dizer que é um tabu né, isso é questão, entra muito a questão de apelidos né, o gordinho ou o que usa óculos né, [...] mas acho que em determinadas situações às vezes surge alguma coisa, mas a gente sempre está tentando inserir ou corrigir, chamando atenção e tal. [...] então é uma coisa que tu tem que tá sempre ressaltando, sublinhando para eles conseguir entender, mesmo que lá no final do ano eles tenham absorvido 10%, já é um grande resultado, mas isso é uma coisa que não é fácil.” (P3).

Já o P3, retorna a questão de apelidos, o gordinho ou que usa óculos, lembrando da necessidade de constantemente estar intervindo nessas situações.

Quando o conteúdo abordado nas aulas são os jogos esportivos, houve um distanciamento entre as falas dos professores e a prática observada. Os professores comentaram que a vitória/derrota é algo bem difícil de abordar e intervir devido aos alunos serem muito competitivos.

“[...] Então eu tento sempre destacar para eles que o resultado não é o mais importante, óbvio que são adolescentes, alguns crianças e tals, então é difícil, eles querem ganhar muitas vezes, [...] participar é o mais importante, porque eles estão ali para aprender.” (P1).

O P1 ressalta que busca serem explicar para seus alunos que o importante é participar e aprender, mas que como são crianças, querem sempre vencer.

“[...] eu tenho tá dizendo hoje né, tu ganhou, mas assim, sempre no diálogo que se eu chegar batendo de frente e eu não consigo trabalhar com eles. E assim ó às vezes eles ficam queimados comigo que eu sé dou risada daí, eles estão reclamando aquilo tá entrando no meu ouvido, e eu to rindo, pra eles é mais eu acho que é doido, do que tu ficar dizendo, a outro era melhor, não, ninguém melhor que ninguém tem dias que tu tá melhor né, tem outros dias que não.” (P2).

O P2 busca resolver tais situações sempre por meio do diálogo, não chegar impondo, mas sim conversando.

“[...] eu sempre falo assim, agora, entrou na sala de aula, depois da aula, encerrou o assunto né, encerrou se ganhou ou perdeu [...] ganhar e perder para eles é uma coisa muito gritante, tem crianças ali que são muito competitivas né, e que em determinadas situações se perdem, até já ocorreu choro né.” (P3).

E o P3, também intervém de maneira dialogada, mas comenta que a questão do ganhar e perder é algo muito intenso entre os alunos.

Em todas as séries, independente da escola, foi possível observar essa questão na prática. Os professores constantemente tinham que intervir em tais situações, sendo que alguns, não realizaram essa ação. A questão da vitória/derrota é fundamental para trazer aos alunos a importância da vitória e da derrota como algo construtivo, ensinando-os a saber tolerar as frustrações e a crescer na adversidade (HASSENPFUG, 2004).

No que se referem às habilidades físicas e motoras de cada aluno, os professores responderam de modo distinto. Mas as falas dos professores condizem

com sua ação durante as aulas. Os três entrevistados respeitam o aluno como ele é, com suas dificuldades, independente de qual seja.

“[...] gente tenta fazer um trabalho mais macro [...] a questão da capacidade física de cada um dentro da escola é muito difícil de equiparar [...] então o que tu pode dar é noções, trabalhar algumas valências físicas, dependendo da faixa etária, velocidade, resistência, força, mas tu não pode passar muito do limite, tu pode dar noções e mostrar para eles que é importante, tentar conscientizar que de repente eles façam mais uma atividade física durante a semana, não ficar só com as aulas de Educação [...] questões motoras, também da mesma maneira, a gente trabalha no sentido de tentar fazer com que eles evoluam [...] colocar alguma situação de trabalho motor que eles possam realizar também.” (P1).

“[...] tem algumas crianças que tem uma determinada situação tipo física, questão de deslocamento, mas isso não interfere na aula né, essas crianças são até em determinados momentos mais participativas do que as que vamos dizer assim são normais.” (P3).

O P1 fala da dificuldade de equiparar os alunos nessas questões, mas que busca disponibilizar vivências que os leve a buscar outra atividade física fora da escola, buscando sempre a evolução do aluno. O P3 comenta que tem algumas crianças com dificuldades, mas que não interfere nas aulas, muitas vezes essas crianças são mais participativas que as demais. Nas observações, pode-se verificar, que os P1 e P3, não permitiam alunos parados, todos participavam da aula, independentemente se tinha alguma dificuldade ou não.

“[...] mas eu não vou obrigar ele fazer algo que ele não consegue. [...] Habilidade cada um tem a sua.” (P2).

E o P2, comenta ninguém é obrigado a fazer as atividades, e que cada aluno tem sua habilidade, podendo ser bom em alguma coisa e ter dificuldades em outra. Nas observações, não obrigava ninguém a participar, sendo que em um momento um aluno ajudou a apitar os jogos dos colegas.

Percebeu-se que os mesmos respeitavam as dificuldades e limitações dos alunos, não os obrigando a realizar movimentos ou a ter o mesmo desempenho que os demais colegas. É importante respeitar as dificuldades de cada aluno, não obrigar o mesmo a ter um desempenho igual ao do colega que tenha mais facilidade que ele ao desenvolver as atividades (NEUENFELDT, 2008).

Ao trazer a questão das diferenças de gêneros houve distanciamento entre as falas dos entrevistados e a prática. Somente um professor comentou que fazia a divisão entre meninos e meninas. Os demais permitiam o desenvolvimento das atividades de maneira mista.

“[...] eu sempre prefiro separar, eu sempre prefiro fazer separado, por dois motivos, geralmente eles não gostam de jogar juntos, e o primeiro que acho que é realmente pro desenvolvimento deles é melhor, só que em algumas situações, dependendo da turma, tu às vezes nem tem como fazer.” (P1).

O P1 confirma sua fala com a ação realizada na prática nas suas aulas. O mesmo separa meninos e meninas, e quando tem alguma turma com muita diferença de quantidades, tenta organizar de uma maneira equilibrada.

“[...] ele participava das competições aqui no feminino, mas ele chegou para mim e disse assim ó eu sou gay, eu quero jogar com as meninas. Daí para mim tudo bem. [...] ah tem outras que também não se sentem bem jogando só com as meninas que quer jogar com os meninos. Para mim não tem problema nenhum, trabalho muito bem com isso.” (P2).

O P2, relata em não ter problema quanto a essa divisão, permitindo meninos jogarem com meninas, ou meninas jogarem com meninos. Porém, ao observar as aulas, no primeiro momento, fazia a divisão entre meninos e meninas, completando as vagas de maneira aleatória, conforme desejo dos alunos.

“Isso a gente faz misto né, só na saída da sala mesmo a gente faz um fila de menino e menina, mas a questão de jogo isso não, a gente faz misto, não tem essa questão.” (P3).

Já o P3, na fala comenta que faz suas atividades de maneira mista, o que foi confirmado nas observações, desde o primeiro momento da aula até o final, não há divisão entre meninos e meninas.

Como traz Daolio (1996), na sua proposta de uma Educação Física Plural, diz que os professores estão precisando avaliar seus padrões de aula, mudando de maneira que alcancem a todos, citando como exemplo, as aulas mistas.

Os professores, quando questionados se recebiam algum tipo de formação por parte da escola, do município ou do estado, em relação à prevenção ao *Bullying*, todos afirmaram não ter recebido algo relacionado ao assunto.

“Não, especificamente a isso não.” (P1).

“Não, só dentro do Ensino Religioso, mas de forma ampla, não direcionado só ao *Bullying* né, um curso só para isso, não.” (P2).

“Aqui não, no município de Vale Real, não.” (P3).

Comparando com as falas das entrevistas e a prática observada, percebe-se que os professores carecem de algum conhecimento maior em relação ao assunto, talvez pelo pouco conhecimento adquirido ou quase nada. Sobre a busca por atualização por si mesmos, os professores afirmam que buscam atualizar-se através de cursos, leituras, materiais na internet.

“Sim, eu procuro sempre estar lendo né, eu procuro na internet, procuro em livros, procuro em cursos né, nesse sentido.” (P1).

“Eu faço cursos [...] Então quando faço deixo para fazer no sábado, no domingo né, ou quando tem assim e não bate aqui, e sim no estado, daí no estado não tem problema.” (P2).

“Sim, sim, eu sempre tenho acesso a essa questão de que hoje em dia quem não busca se atualizar acho que fica parado no tempo né. A Educação Física é uma área muito ampla né, então tem que estar sempre dentro da do que vem, está surgindo de novo tanto na área da educação quando na área do fitness, agora falando um pouco mais, por que senão se torna, tu fica estagnado, então sempre, e hoje em dia tem diversas maneiras de tu buscar [...]” (P3).

Foi observado que somente dois professores citaram a internet como um meio de busca de novos conhecimentos. Sendo que hoje, todos tem acesso fácil a esse meio de comunicação/estudo.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como principal objetivo investigar como os professores de Educação Física atuam na prevenção ao *Bullying* em suas aulas, a fim de colaborar no enfrentamento deste desafio na escola. A partir das respostas obtidas através das entrevistas e das observações realizadas nas aulas dos professores participantes, foi possível concluir que apesar dos participantes acreditarem na contribuição da Educação Física na prevenção ao *Bullying*, eles não têm clareza

sobre de que maneira podem fazer isso. Percebe-se que há pouco entendimento sobre a maneira como isso acontece ou pode vir a acontecer, além da falta de conhecimento sobre o *Bullying* propriamente dito.

A Escola deve ser um ambiente para todos, independentemente das diferenças sociais, culturais ou físicas. O dinamismo social requer uma escola com professores continuamente em formação e com capacidade de se auto atualizarem. É importante a capacitação nas escolas sobre como acontece e se caracteriza o *Bullying*, quais os conteúdos, metodologias e ambientes escolares que realmente favorecem a sua não ocorrência. Assim, instrumentalizando os professores para intervir, desenvolvendo programas e atividades de prevenção ao *Bullying*, evitando que o fenômeno venha a acontecer no futuro.

Nas aulas de Educação Física, o professor tem um leque maior para desenvolver atividades que venham ajudar na prevenção, há um contato físico maior com o aluno e entre os alunos mesmo. Assim, pode-se desenvolver o aluno de maneira integral, tornando-os críticos e participativos, sabendo dos seus direitos e deveres, sempre mostrando a importância do respeito ao próximo independentemente de qualquer que seja a diferença, física, cultural ou social. Este aspecto provoca ainda a reflexão sobre o valor que tem sido dado pela própria escola e pelo sistema formal de ensino às aulas de Educação Física e a sua efetiva contribuição na formação de um cidadão crítico, responsável por seus atos, saudável.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah Christina. **Razão instrumental e preconceito**: reflexões sobre o bullying. 2008. 230 f. Dissertação (Mestrado), programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em:

<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2443/1789.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BOTELHO, Rafael G.; SOUZA, José M. C. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física** 2007; 139:58-70. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/BoletimEF.org_Bullying-e-Educacao-Fisica-na-escola.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas-SP: Editora Papirus, 2009.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o Conceito de Cultura**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2004.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Rev. paul. Educ. Fis.**, São Paulo, supl.2, p.40-42, 1996. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo7.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

FANTE, Cleo. Educação para a paz: estratégia de prevenção contra o comportamento bullying. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, ano 10, n. 09, mai. 2005. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2005/05/educacao-para-a-paz-estrategia-de-prevencao-contr-o-comportamento-bullying/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias M. **Bullying em debate**. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

FERREIRA, Valéria et al. Percepção do professor sobre o fenômeno bullying no ambiente escolar. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 57-64, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/138>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

HASSENPFUG, Walderez Nosé. **Educação Física pelo Esporte**: Educação para o desenvolvimento Humano pelo Esporte. São Paulo: Saraiva, Instituto Ayrton Senna, 2004.

MINAYO, Maria C. S. et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Esporte, educação física e formação profissional**. Lajeado: Univates, 2008.

PEREIRA, Patrícia J. **O Bullying nas aulas de Educação Física e o papel do professor de Educação Física**. 2014. 38 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Educação Física), curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Buritis, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9646/1/2014_PatriciaJosePereira.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RADUENZ, Edson. **Formação dos professores de Educação Física para atuação na ocorrência do Bullying em escolas de Educação Básica**. 2011. 125 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4027517.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RIVAS, Vânia E. **A percepção e a atitude dos professores de educação física com relação ao Bullying em suas aulas.** 2011. 17 f. Artigo de Conclusão do Curso (Licenciatura em Educação Física), curso de Educação Física, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

ROLIM, Marcos. **Bullying - O pesadelo da escola.** Porto Alegre: Editora Dom Quixote Ltda., 2010.

SILVA, Ana B. **Bullying – mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S.; NETO, V. M. **A pesquisa qualitativa na Educação Física.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.